

## A emancipação feminina nos textos jornalístico de Artur Azevedo

SUELYN DA SILVA GOULART\*

A contribuição de Artur Azevedo em jornais e revistas é extensa e variada. Seria um grande engano alinhá-lo a um único jornal, perfil ou posicionamento. As suas manifestações inibem qualquer rótulo que o limite a um único padrão radicalmente alocado à esquerda ou à direita, como um conservador ou um liberal. Ao contrário, o que os seus textos, presentes em diversos veículos de comunicação, deixam perceber é um Artur Azevedo multifacetado, que interage com o novo e o liberal, sem deixar de expressar suas preocupações com a moral e os costumes tipicamente conservadores.

Neste pequeno texto voltarei a evidenciar a produção azevediana focada nas relações de gênero através de jornais e revistas, em especial nos textos levantados no jornal *O Paiz e na* revista feminina *A Estação*. Esses dois veículos contaram com longa contribuição de Azevedo compreendendo o final do século XIX e início do século XX. O período aqui assinalado nos apresenta também uma época de grandes transformações do papel social e econômico da mulher, no Brasil e no mundo. Tais transformações frequentemente moveram a pena de Artur Azevedo, mostrando suas impressões.

*A Estação*, publicada entre 1879 e 1904, é uma revista voltada ao público feminino, contando com muitos autores em seu editorial, entre eles Artur Azevedo e Machado de Assis. O conteúdo dos textos, de forma geral, não são os mesmos presentes em qualquer folha, voltada para o público masculino. A produção de Artur Azevedo em *A Estação* sempre traz a lembrança de que a abordagem e os temas devem levar em consideração o público alvo. No entanto, a preocupação com os temas mais amenos, sobre arte, teatro, literatura e moda, não limitam a presença de assuntos mais ousados na prosa azevediana. Em análise mais superficial, é possível pensar que ocorre a omissão de determinadas questões, mas um olhar mais atento permite demonstrar o contrário como podemos ver no fragmentos que seguem.

Vejamos o primeiro:

---

\* Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense. Trabalho desenvolvido no âmbito da Fundação Casa de Rui Barbosa, com apoio de bolsa de Iniciação Científica – CNPq.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

2

*Se esse periódico de moda não fosse exclusivamente dedicado às senhoras, eu começaria a chroniqueta pelo registro e commentario do facto mais curioso do dia: a alta do cambio. Mas já estou d'aqui a ver que a leitora encrespa os lindos sobrolhos, enfastada do meu artigo sem o ter lido.*

*Tranquillise-se, minha senhora: não lhe fallarei do cambio, se bem que com elle e a 27, como se acha, pode V. Ex. comprar mais barato o luxo que acompanha a sua extrema elegancia, e surprender no querido esposo um semblante menos carregado*

*quando lhe pedir que pague a conta da modista.  
Mas, como as mulheres e os poetas se habituaram a considerar o commercio como a  
negação positiva da poesia e do ideal, fallemos de outra coisa. (A ESTAÇÃO, Nº 19  
– 15/10/1888)*

Os outros assuntos apresentados são uma festa, a princesa Isabel, a propaganda republicana e alguns de seus defensores. A abordagem de Artur Azevedo em sua Chroniqueta demonstra uma estratégia de não falar de um assunto, ao passo que já está falando dele, mesmo que superficialmente. Em segundo lugar, os outros temas não são tão restritos a esfera feminina, e desligados dos assuntos considerados masculinos. Por fim, neste pequeno trecho podemos considerar que Azevedo, enquanto poeta, se equipara, em certa medida, às senhoras, uma vez que destaca uma característica semelhante a essas duas categorias.

Vejam os o segundo fragmento retirado de A Estação:

*O divorcio que está na ordem do dia, passou já da tribuna da Camara dos  
Deputados para a da imprensa.  
Os editores Fauchon & C. acabam de publicar um vibrante panphleto de Pardal  
Mallet – Pelo Divorcio! - escripto no impeto e a correcção que se notam em todos os  
trabalhos do applaudido autor do Lar.  
Esse grito de guerra de Pardal Mallet será, estou certo, discutido por quantos se  
interessam pela grave questão da dissolubidade do casamento, - questão de que não  
me animo a tratar n'um periodico de senhoras. Não quero ficar mal visto pelas  
minhas formosas leitoras. (A ESTAÇÃO, Nº 19 – 15/10/1894)*

O assunto abordado no fragmento acima é delicado, um tabu em fins do século XIX e ainda assim é pauta na Chroniqueta. Após algumas linhas nas quais apresenta a relevância social do assunto, indica e elogia uma publicação em defesa do divórcio; Artur Azevedo abandona o assunto por uma questão moral. Diz ele: “não quero ficar mal visto pelas minhas formosas leitoras”. Ora! O que mais é necessário dizer ou indicar? Às senhoras interessadas no assunto o caminho está mais do que aberto à curiosidade e investigação.

Por fim, no terceiro trecho Artur diz:

*O ultimo numero da Estação não trouxe Chroniqueta: a minha prosa foi substituida  
por um lindissimo conto de Julia Lopes. As leitoras, que lucraram com a troca [...] O  
facto a que [ilegível] é o doutoramento da primeira brasileira que se formou em  
medicina, a Exma. Sra. D. Ermelinda Lopes de Vasconcelos. [...] É caso para dar  
parabéns às senhoras fluminenses, e enxergar n'esse facto, extraordinário no  
nosso paiz, um passo dado para a emancipação do sexo que dizem fraco e é  
inquestionavel o mais forte. Muito hei de estimar que o exemplo desta senhora  
notavel seja seguido por outras, e dentro em alguns annos vejamos a nossa  
classe medica enrequecida por algumas doutoras, tão necessarias ao tratamento  
das pessoas do seu sexo. Não se comprehende que, havendo na sociedade tantas  
senhoras intelligentes, que*

*se podem aplicar ao estudo da vasta sciencia do Hypocrates, sejam as doentes obrigadas a vencer os ultimos escrúpulos para confiar a marmanjos os mysterios mais indiziveis do seu corpo.*

*O famoso “segredo profissional”, tão discutido e tão respeitado, não basta muitas vezes para que se vençam esses escrúpulos, e muitas senhoras têm sucumbido a falta de medicas, a quem se possam mostrar confiadamente sem offender o melindre do seu pudor.*

*A Exma. Sra. D. Ermelinda deve a principio soffrer os efeitos do nosso espirito rotineiro, e d'essa estúpida crença de que as mulheres se inventaram exclusivamente para os trabalhos domesticos; mas dia virá em que a nossa illustre patricia será gloriosamente reconhecida o chefe de uma legião sagrada. (A ESTAÇÃO, Nº 24 – 31/12/1888)*

O extenso fragmento acima é riquíssimo em referências a emancipação feminina. As últimas linhas formam uma verdadeira ode à formação da mulher. Os argumentos se sucedem com um objetivo bem definido: demonstrar a relevância e urgência da formação de médicas do sexo feminino para atender a uma demanda social: os exames em senhoras. Para além da necessidade a crítica de Artur é incisiva e define como estúpida a crença das mulheres viverem exclusivamente para o lar.

É interessante ressaltar que esse é um discurso voltado, como fica claro no texto, para as senhoras de classe média. As mulheres das classes inferiores não pertenciam a esse grupo por, pelo menos, dois motivos. As mulheres pobres já estavam na vida do trabalho, buscando a própria subsistência, isto é, suas vidas não eram somente devotadas ao lar. Outro motivo está ligado ao difícil acesso das classes populares aos estudos.

No início do texto aparece uma referência a Julia Lopes de Almeida, escritora com quem Artur dialoga algumas vezes. No conto publicado no dia anterior, em 30.12.1888, encontramos a defesa da consagração do homem e da mulher a seus papéis tradicionais. A autora destaca que a mulher deve encontrar a felicidade e realização pessoal no lar, ocupando-se dos filhos e do marido. E diz ainda: “quando o menino cresce tem o lyceu, o collegio, a universidade [...] a menina, que se esteve separada foi por pouco tempo, continua a ter sempre, como teatro de todas as suas paixões, o lar”.

No último parágrafo aparece de forma clara uma crítica ao pensamento expresso pela autora em seu conto, quando Artur afirma que a D. Ermelinda deve sofrer os efeitos da estúpida crença de que as mulheres se inventaram exclusivamente para os trabalhos domésticos. Não podemos afirmar que essa crítica seja direcionada a autora, mas ao

pensamento presente em seu conto, que reflete o entendimento do papel social da mulher naquele momento. Corrobora tal hipótese a expressão “nosso espírito rotineiro”, usada pelo autor no mesmo parágrafo, para enquadrar o preconceito do qual será vítima D. Ermelinda. Quando faz uso de tal expressão, Artur parece evidenciar que o preconceito a que se refere é aquele que está presente nas mentes de nos corações das pessoas de modo geral, até mesmo inconscientemente, imputando a si mesmo esse comportamento.

Em última análise, é relevante citar a visão de Artur Azevedo em relação às mulheres, assinalada quando as parabeniza por sua emancipação definindo-as como o sexo forte. Apesar de não sabermos quais elementos o autor tinha em mente para embasar essa ideia, sua afirmação demonstra parte de sua sensibilidade em relação ao sexo oposto..

A princípio, acreditei encontrar nas crônicas azevedianas na revista *A Estação* um autor mais comedido em suas opiniões em relação ao papel social da mulher e muito criterioso nos assuntos apresentados. Entretanto, encontrei textos, opiniões e assuntos modernos e apresentados de forma ousada para a época e para o veículo – uma revista voltada para o público feminino. É claro que a preocupação com a discricção estava presente, mas não serviu como uma censura para ocultá-los. A preocupação com um conservadorismo ainda muito forte naqueles anos permitiu, no máximo, uma advertência final e muito sutil.

Não obstante, é importante perceber que em momento algum o discurso se encaminha para fora dos limites da moral e dos bons costumes; não aponta culpados pela condição feminina não há condenados, apenas incentivos discretos. As Chroniquetas apenas dão pistas de que o universo feminino pode e deve estar além das preocupações inerentes ao lar, à moda e aos teatros.

A mais longa e diversificada contribuição de Artur Azevedo à imprensa foi no jornal *O Paiz*. Nesse periódico ele escrevia sobre os temas mais variados e eventualmente as questões de gênero apareciam. Sua postura estava invariavelmente em defesa da mulher. É claro que a crítica ou estranhamento quanto a atitude de uma ou várias mulheres apareciam, mas os argumentos não passavam pelo preconceito de gênero. O primeiro fragmento em destaque é em defesa de maior liberdade para mulheres em relação ao vestuário. Artur aproveita um telegrama publicado em *O Paiz*.

*Paris, 24 – A Sra. Walsayan requereu a Camara francesa o uso das calças para as mulheres, a exemplo dos homens, pois desse modo poderão mais facilmente operar em casos de salvação em incendios.(Telegrama d'O Paiz)*

*Fazer taludo compendio*

*Não precisava um ratão,*

*Se provar quisesse agora*

*Que, sem mesmo haver incendio,*

*Pode achar qualquer senhora*

*as calças a salvação.*

*Gavroche (O PAIZ, N°4619 - 27/05/1897)*

O vestuário é um dos elementos símbolo a emancipação feminina ao longo dos séculos até os dias atuais. Na quadrinha, Gavroche, um dos pseudônimos de Artur Azevedo, não apenas apoia a liberdade de escolha em relação ao vestuário, mas também defende que não é necessário grandes justificativas e processo de muitas páginas para autorizar o uso de calças pelas mulheres. A posição do autor é simplificar as relações de poder aos quais as mulheres eram submetidas.

Segundo Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, é nesse mesmo momento histórico, entre o final do século XIX e início do XX, que as mulheres brasileiras começam a diminuir o comprimento das saias e das mangas, exibindo partes do corpo consideradas sensuais e por isso escondidas por longas roupas.

Artur Azevedo escrevia em defesa da mulher, de sua autonomia e liberdade, transitando desde as questões mais cotidianas até as de maior envergadura como a formação acadêmica e o elogio a grandes personalidades femininas como é o caso da *Palestra* publicada em 06 de abril de 1897, em *O Paiz* na qual trata da festa em homenagem à escritora e cientista francesa Clemente Royer, enaltecendo sua contribuição à ciência.

No entanto, nem todos os escritos de Artur Azevedo são em prol da mulher, alguns questionamentos aparecem nas várias colunas mantidas pelo autor no jornal. Em *O Paiz* ele mantinha com regularidade pelo menos três colunas: *Palestra*, *Frivolidades* e as quadrinhas de *Gavroche*. Nessas três colunas, no curto espaço de poucos dias, constatamos que o autor não concordava que as mulheres frequentavam determinados locais e nem participassem de assuntos delicados. Vejamos abaixo as manifestações de Artur Azevedo à presenta de mulheres no cassino onde foi realizado o julgamento do famoso caso Basilio de Moraes que dividiu a opinião pública brasileira.

*O Processo*

*Não me tomem por ferino;  
Mas hontem, segunda-feira,  
Estranhei pela vez primeira  
Ver senhoras no Cassino...*

*Gavroche (O PAIZ, Nº 4568 – 06/04/1897)*

Inicialmente, o que temos é apenas o estranhamento em relação a presença de senhoras em um julgamento sobre abuso sexual no Orfanato Santa Rita de Cassia que tomou grandes proporções graças a cobertura midiática. No entanto, esse postura vai recrudescer nos dias seguintes. No dia 07.04 vem a público uma Palestra sobre o mesmo assunto, acompanhada de uma quadrinha de Gavroche.

*Pasmei quando soube que algumas senhoras tinham ido ao Cassino [...] Como é terrível e inconsequente a curiosidade feminina! [...] Que processo rastaquouère! (O PAIZ, Nº 4569 – 07/04/1897)*

*UFF!*

*Oh!... Finalmente!...Deus permita  
Que de hoje em diante nunca mais  
Se ouça falar de Santa Rita,  
Nem de Basilio de Moraes.*

*Gavroche (O PAIZ, Nº 4569 – 07/04/1897)*

Essas duas manifestações demonstram que além de estar cansado da divulgação do julgamento, também está insatisfeito com a presença feminina, atribuindo o interesse das mulheres à curiosidade e não por uma causa que deveria interessar à todas as mulheres, como grupo com interesses em comum.

A última manifestação de Artur sobre o caso Basilio de Moraes e a presença de mulheres no julgamento aparece na coluna Frivolidades, no dia 08 de abril. Através do diálogo entre aranhas que vivem no cassino onde o julgamento foi realizado, Frivolino, outro pseudônimo de Azevedo, apresenta o estranhamento dessas criaturas sobre a montagem e realização do evento. As aranhas, após debaterem se o que ocorreria ali seria um encontro literário, uma comédia ou um exame, manifestam grande estranhamento em haver senhoras no recinto uma vez que assunto é imoral.

Esse é apenas um entre muitos textos de Artur Azevedo onde ele expressa uma postura mais conservadora em comparação com aquelas que tratamos ao longo do texto. Essas duas perspectivas deixam transparecer a versatilidade do autor, com facetas mais liberais e outras

preocupações mais conservadoras.

Embora fosse a favor da emancipação de mulher, da formação profissional, da liberdade de escolher o vestuário, da flexibilização de estruturas rígidas de poder, não concordava com outras questões, como a ampla divulgação de assuntos delicados, considerados imorais, em jornais e revistas que estavam facilmente ao alcance de mulheres e crianças.

Artur Azevedo também não se furtou em criar em suas peças teatrais estereótipos femininos carregados de preconceito, como Lola em *A Capital Federal*, mulher de vida fácil que vivia pregando golpes em homens casados, noivos ou solteiros. Outro exemplo disso é Henriqueta, mulher casada e de respeito, mas que só se interessa por futilidades, roupas, chapéus etc.

No entanto, não devemos olhar suas criações como expressão de preconceitos ou conservadorismos, mas sim como recursos dramáticos que faziam muito sucesso à época. Como uma forma de entreter, conquistar ou afrontar o público. Assim como aparecem as personagens femininas com uma roupagem pejorativa para o sexo, também podemos identificar heroínas.

A produção jornalística de Artur Azevedo é coerente quando se trata das questões de relações de gênero, sua postura mais flexível está presente em vários trabalhos, o preconceito e os costumes não o impediam de defender a emancipação feminina, mas também encontramos preocupações tipicamente conservadoras, mesmo que em menor número.

### **Fontes primárias**

A Estação.

O Paiz.

### **Fontes Secundárias**

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Arthur Azevedo e sua época*. Coleção Saraiva. Rio de Janeiro, 1953.

## Bibliografia

CHARTIER, Roger. A “nova” história cultural existe? In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 29-43.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Ed. Unicamp; Cecult, 2002, p. 371-417.

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. Joege Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2009.

LOPES, Antonio Herculano. Performance e história. *O Percevejo*, n. 12, 2003, p. 5-16.

\_\_\_\_\_. Martins Pena e o dilema de uma sensibilidade popular numa sociedade escravista. *Fênix: revista de história e estudos culturais*, vol. 4, ano IV, n. 4, 2007. Disponível em [http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE\\_%20ARTIGO\\_06-Antonio\\_Herculano\\_Lopes.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE_%20ARTIGO_06-Antonio_Herculano_Lopes.pdf).

\_\_\_\_\_. Vasques: uma sensibilidade excêntrica. *Nuevo mundo-mundos nuevos*, 7, 2007. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document3676.html>.

\_\_\_\_\_. Alencar: um olhar feminino; um olhar sobre o feminino. In *Olhares sobre a história*. Alcides Freire Ramos, Maria Izilda Santos de Matos e Rosangela Patriota (orgs.). São Paulo: Hucitec/Ed. PUC-GO, 2010, p. 109-129.

\_\_\_\_\_. Do cançã ao maxixe: a decadência do teatro nacional. In: *Música e história no longo século XIX*. Antonio Herculano Lopes, Martha Abreu, Martha Tupinambá de Ulhôa e Monica Pimenta Velloso (orgs.). Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2012.

\_\_\_\_\_ e LANZARINI, Julia. Abolição e teatro: sobre as dificuldades de representação da escravidão no palco. *Anais do XXVI Simpósio Nacional da Anpuh*. São Paulo: Anpuh, 2011.

\_\_\_\_\_, LANZARINI, Julia, e CALAZA, Marina. De quando Artur Azevedo deu um “pequenino impulso para o desmoronamento da fortaleza negra da escravidão”. Ms inédito, 2011.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

10

\_\_\_\_\_ e LANZARINI, Julia. Entre dois mundos: o teatro “popular” de Artur Azevedo. Ms inédito, 2011.

REIS, Angela de Castro. *Cinira Polonio, a divette carioca*: estudo da imagem pública e do trabalho de uma atriz no teatro brasileiro na virada do século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.